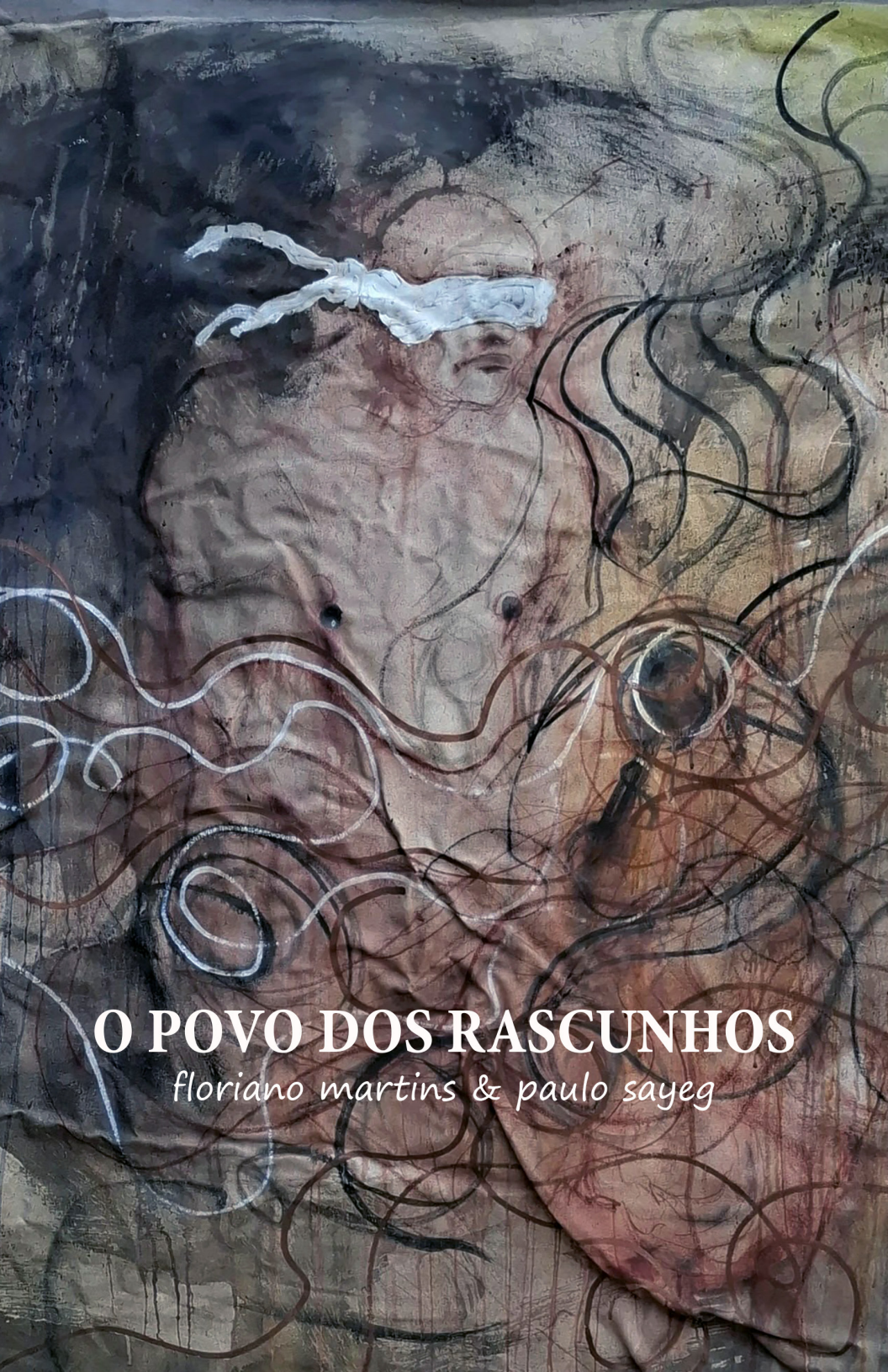


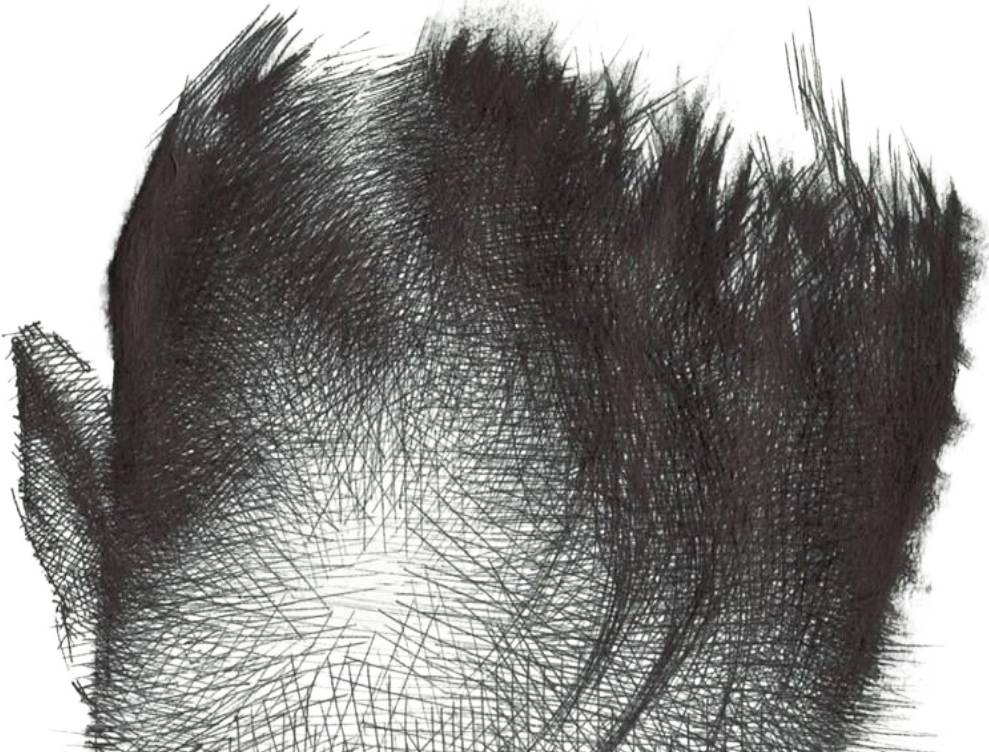
O POVO DOS RASCUNHOS

floriano martins & paulo sayeg

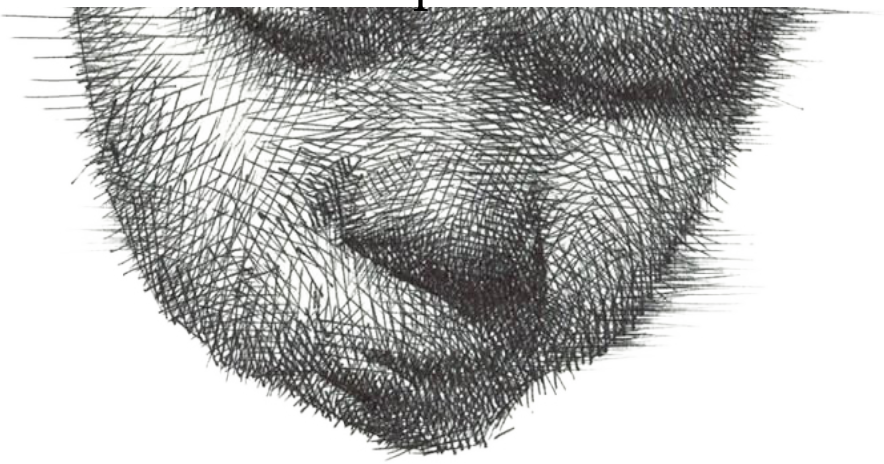


O POVO DOS RASCUNHOS





Colección Libros
Imposibles



O POVO DOS RASCUNHOS

Floriano Martins
&
Paulo Sayeg

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
-2026-

Martins, Floriano, 1957 / Sayeg, Paulo, 1960
O povo dos rascunhos / Floriano Martins e Paulo Sayeg --1ª ed.--
Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2026.
124p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 75 >
<Digital>
1. Dibujos y relatos brasileños. 2. Literatura y gráfica brasileña.

I. Título.

Primera edición, 2026

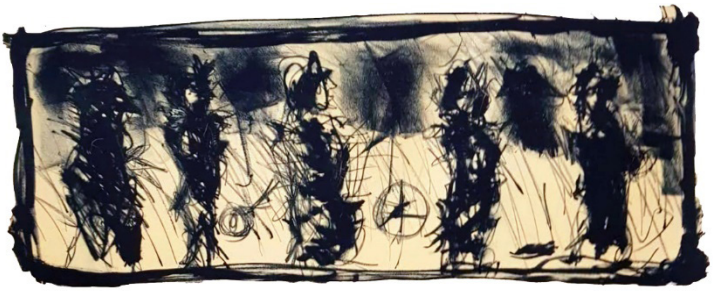
Colección Libros Imposibles #75
© *O povo dos rascunhos*
© Floriano Martins e Paulo Sayeg
Diseño editorial:
Melvyn Aguilar
Textos:
Floriano Martins
Capa e desenhos interiores:
Paulo Sayeg
Coordinación editorial:
Juana M. Ramos
Revisão:
ARC Edições

What came in from outside was absorbed or wasted.

A pouring current of things and words and food

came channelled through doors and telephone, comings and goings.

JUDITH WRIGHT



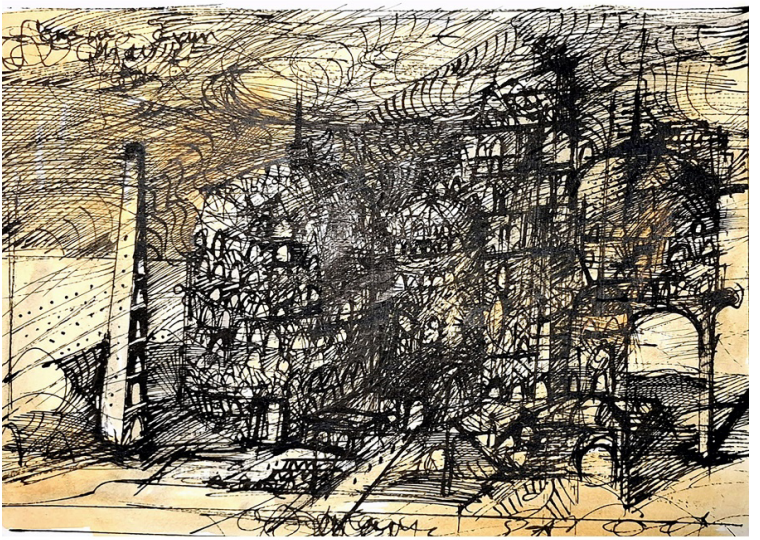
No fundo, acredite, o que somos de mais doloroso é o que não somos realmente, e as nossas maiores tragédias passam-se na nossa ideia de nós.

BERNARDO SOARES



Onde a casa estava demoramos a aceitar
que não era mais a nossa morada.
O que víamos estava ali,
não havia a menor sombra de dúvida,
mas não era o que determinara
nossa ideia mínima dos próprios objetos:
suas sombras, seus cantos curvilíneos,
os trapos da memória que por vezes
não reconhecia tantas faces e arquejos.
Até que habitasse a si mesma,
a casa exigia uma solenidade do pó,
um refúgio de lágrimas secas
antes que a tábua corrida fosse
plantada no solo concentrado.

Morar requer um total alheamento do ser,
de modo que tudo que ali se averigue
assume o feitio do imprevisto,
uma orquestração de silêncio antes nunca imaginado.



O nada é o infinito. Seu outro nome e morada. Havia um povo muito antigo que acreditava que o nome era a verdadeira morada do ser. Um povo nômade, desterrado. Que a todo instante inventava a beleza da linha mestra. Tão longeva quanto o próprio nascimento das estações. Era conhecido como o povo dos rascunhos. Um deles me contou certa vez: *Os rascunhos sempre dão certo. Até porque eles não buscam o universo conclusivo, mas sim o sugestivo*.



Sigo escrevendo um romance envolvendo
questões mediúnicas e conflitos religiosos.

Anoto:

A ideia da memória como uma fonte secreta da imaginação.

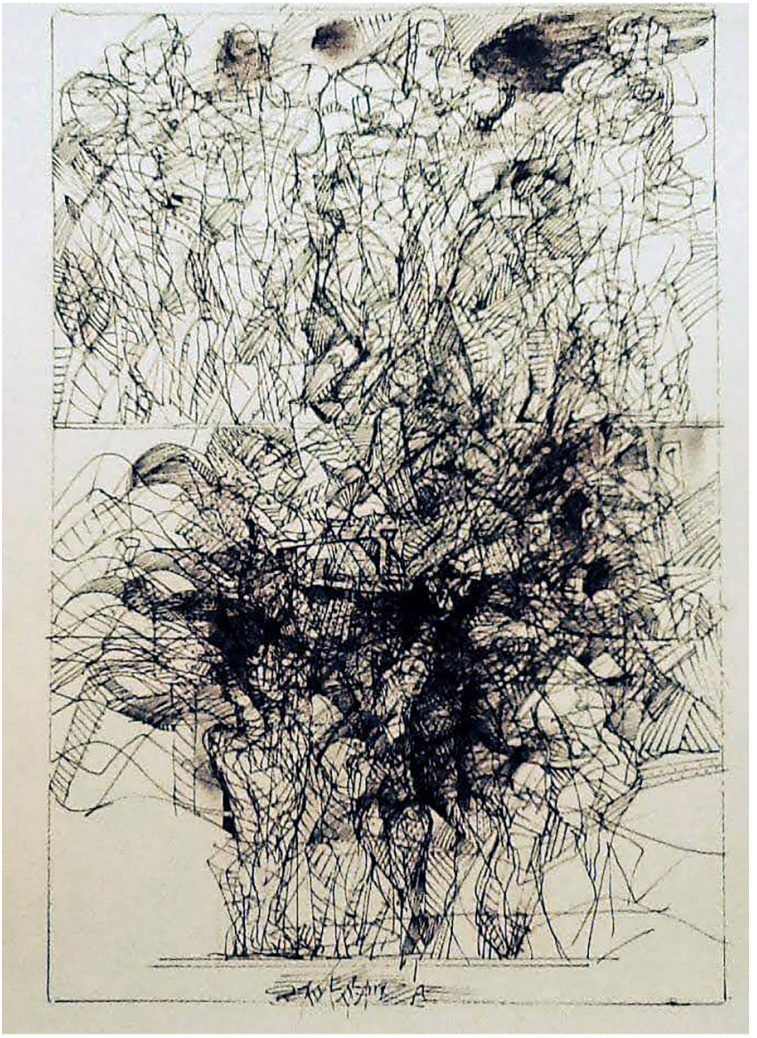
Esquecer para lembrar de outro modo. A tática do esquecimento como recurso para criar um novo esboço de memória.

O teatro abandonado com seus pequenos insetos que irremediavelmente encenam as mais improváveis tragédias.

Mas será isto mesmo? Gosto de usar penas que arranco de aves em um envelhecido caderno que encontrei no armário da cozinha. Sempre que abro suas páginas escuto o canto de pássaros que nunca vi fora dessas páginas. Não posso dizer que os inventei, porque já estavam aqui antes de mim. Onde se esconde o que crio antes que eu decifre suas formas?



Todo conhecimento aponta para o íntimo do ser.
O credo de que a verdade está lá fora é um truque antigo
baseado em anotações religiosas que foram lacradas
em porões de mosteiros espalhados pelo tempo.
Algumas vozes persistem e afirmam que a verdadeira
essência da vida está ao alcance da vista.
Porém o que vemos é uma parte ínfima do que sentimos.
Aquilo que criamos é um espectro notável
do que habita em nosso interior,
as partículas ou prenúncios de mundos
que vamos formar através do grafite.
E as formas que extraímos desses ritos criativos
falam uma linguagem que permite
a cada um que a vivencia mergulhar em seu íntimo
e de lá trazer à tona outras fontes de existência.

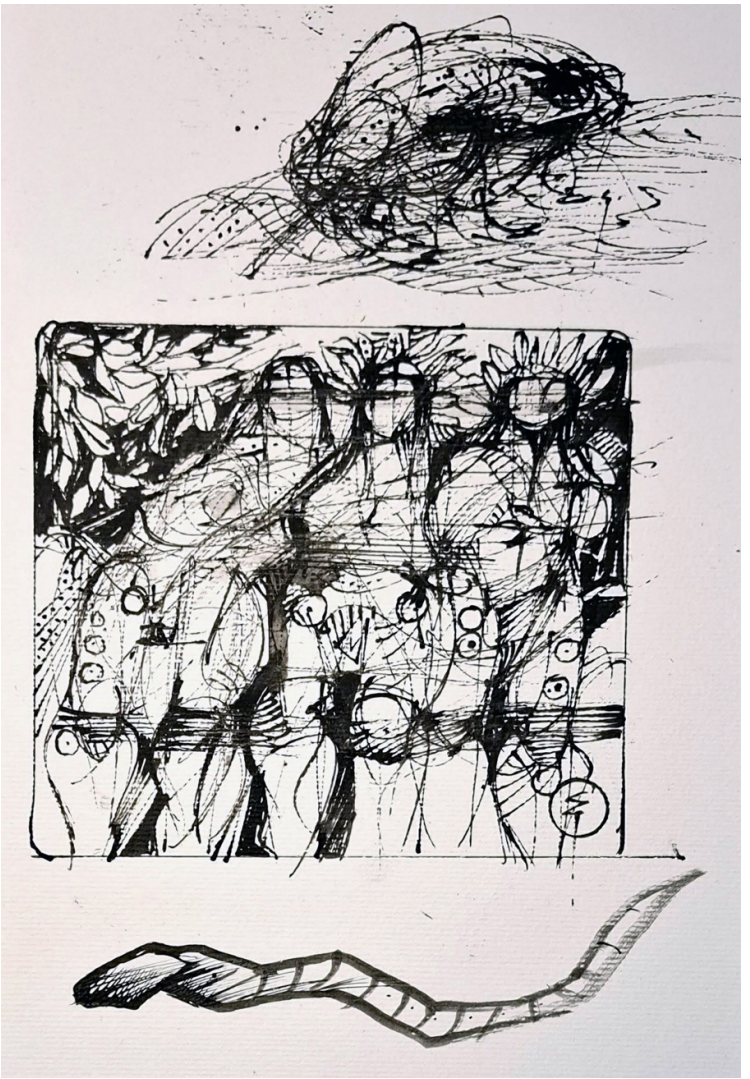


Minha mãe era uma jovem pianista cheia de vida e inocência. Conforme combinara com a irmã um ano mais velha, ao casar deixou o piano com ela. Três anos depois de meu nascimento ela teve problemas no parto e meu irmão foi retirado a fórceps, o que o deixaria paraplégico. A partir daí tudo mudou em sua vida. Tinha prolongadas insônias e fortes dores de cabeça. Um médico a encheu de corticoides. Ela engordou muito. Via fantasmas pela casa. As dores engoliram seu olhar sorridente. Dez anos depois meu irmão morreu. Ela não se recuperou de coisa alguma. Certa vez um pai-de-santo disse a seu marido que gostaria que ela deixasse a família e fosse trabalhar com ele em seu terreiro. Minha mãe morreu de um aneurisma cerebral.

A aura, creio que eu consigo ler a aura das palavras,
sua paleta de cores, a forma que elas assumem
quando se aproximam umas das outras.
O que a minha mãe fazia com as pessoas eu faço com aspalavras.



Havia um véu, havia um veio,
e um esvoaçante romance
entre seus elementos desfigurados.



O mundo parece valer a pena
quando dois criadores se
encontram na intimidade pulsante da criação.
A sós, cada um sugere a perfeição impossível
de um futuro que não sabe como chegar até eles,
não importa se antes ou depois.
A arte é o que se extrai e não o que se acrescenta.
Por isto toda ela nasce do excesso.



Quantas vezes as cores sobem pelo tronco de uma grande árvore e dá às suas folhas uma vitalidade que de longe é possível confundir como uma partitura de dança sugerida pelo vento.

Quantas vezes somos algo bem distinto,
quase oposto, daquilo que imaginamos
encontrar em nosso caminho.
A pedra que marca um poema,
o quadro que pende da parede de outro,
o linho que pouco a pouco se destece
cobrindo o rosto de um agônico personagem.
As pequenas histórias que a todo instante
ensaiamos repercutem as nossas
mais agudas recordações do impossível.
Não podemos ir aquém do que seremos.
Os verbos também soletram suas máscaras,
são a casa dos disfarces, um ninho de truques.
E certos sonhos adentram o salão vital
de pequenos mundos dos quais
despertamos acreditando ser reais.



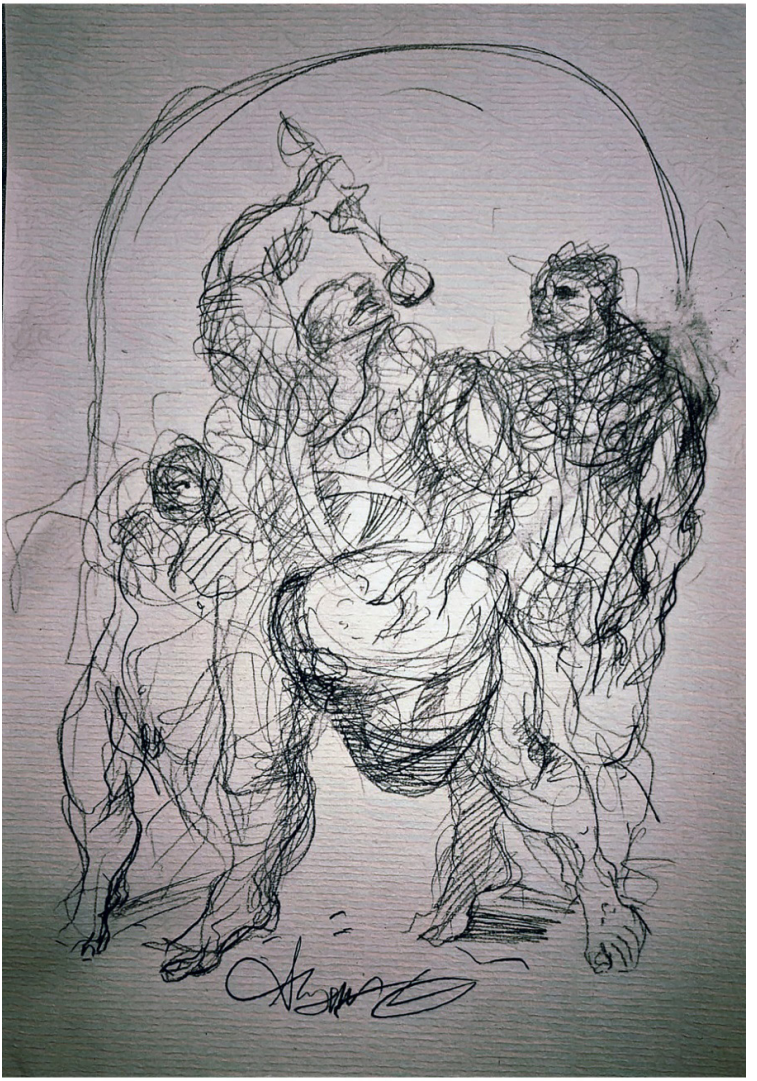
Sempre que olhamos o céu parece que estamos em outro lugar. Nem mesmo os espelhos ou a fotografia possuem esse mesmo dom de nos transportar para outro *set*. A vida se torna assim um filme que vamos montando na medida em que olhamos para o céu. Sob ameaça de chuva ou no rubor de um crepúsculo, o céu pode nos levar a seu oposto, a nudez desértica do azul ou o olhar hipnotizante do sol, ou simplesmente nos fazer fechar os olhos e percorrer a anatomia dos sonhos. O céu talvez nem exista, não passe de um golpe de vista. No entanto, cada vez que olha para nós nos converte em outros seres. Nem sempre tangíveis.



É preciso sair do lugar de onde vemos as coisas.
Somos viciados em dar sentido a tudo.
As funções são enganosas.
Mesmo a arte, que nos alimenta com novas ilusões,
incorre na presunção de realidades insuspeitas.



As sombras dançam por toda a casa.
Descobrem no escuro novos pares,
tão sutis quanto elas.
Os passos do diálogo são como a dimensão do abismo
que criamos como naves em um ninho secreto.
A sagração do relativo no absoluto.



Eu tenho achado a vida uma beleza quando estou criando. Depois eu me deito em uma rede na varanda e acho o dia enfadonho. Escuto os pássaros cantando e isto me lava a alma. Quando indagamos pela origem do que criamos um estrondo repercute nas vísceras do imaginário. Talvez exista um marcapasso no coração da noite. Talvez a grande árvore das trevas vagueie por terrenos inóspitos à procura de sombras comestíveis. Talvez sejamos nós as deformações do incriado.



O amor refaz a configuração do mundo.
É uma essência de essências,
a iluminação em seu estado mais bruto.
Com alarmante recorrência o homem
se afasta do amor, o que equivale
a desfazer-se de si mesmo,
porque seguramente não nos resta
mais nada em nosso íntimo.

Nas últimas semanas tenho duvidado da existência natural da lua, que me parece uma ilusão mecânica posta no céu para nos distrair do que talvez haja de essencial no mistério das estrelas cadentes. As luzes que caem no mar desaparecem como os corpos de incontestáveis mulheres que são apagadas como um grafite em descompasso. O fato é que olho à minha volta e não acredito mais no que vejo. O mundo se tornou uma grande mancha que conspira contra o sol.



Há uma pequena história que certa vez contei em um teatro lotado. Um sonho recorrente que tive quando minha mãe ainda era viva. Uma jovem entrava em um ônibus onde eu estava e vinha em minha direção com um olhar agudo me mandando sair dali. Noites e noites o mesmo ônibus, a mesma jovem, a mesma cena inexplicável. Meses depois estou na casa de um amigo, quando chegam dois primos seus. A jovem prima, de imediato a reconheço de meu sonho. A memória me faz tremer, incrédulo. E saio da casa sem pensar, como se fugisse de algo que estava por vir. Minutos depois — soube disto no dia seguinte — dois ladrões entraram ali e, em pânico, um deles disparou sua arma e matou os dois irmãos pequenos de meu amigo. Jamais contei isto à minha mãe, porém quando ela me olhou chorando em meu quarto eu soube que tinha a exata noção do que me ocorreu. Para algo talvez eu tenha sido poupado, naquela e em muitas outras vezes.



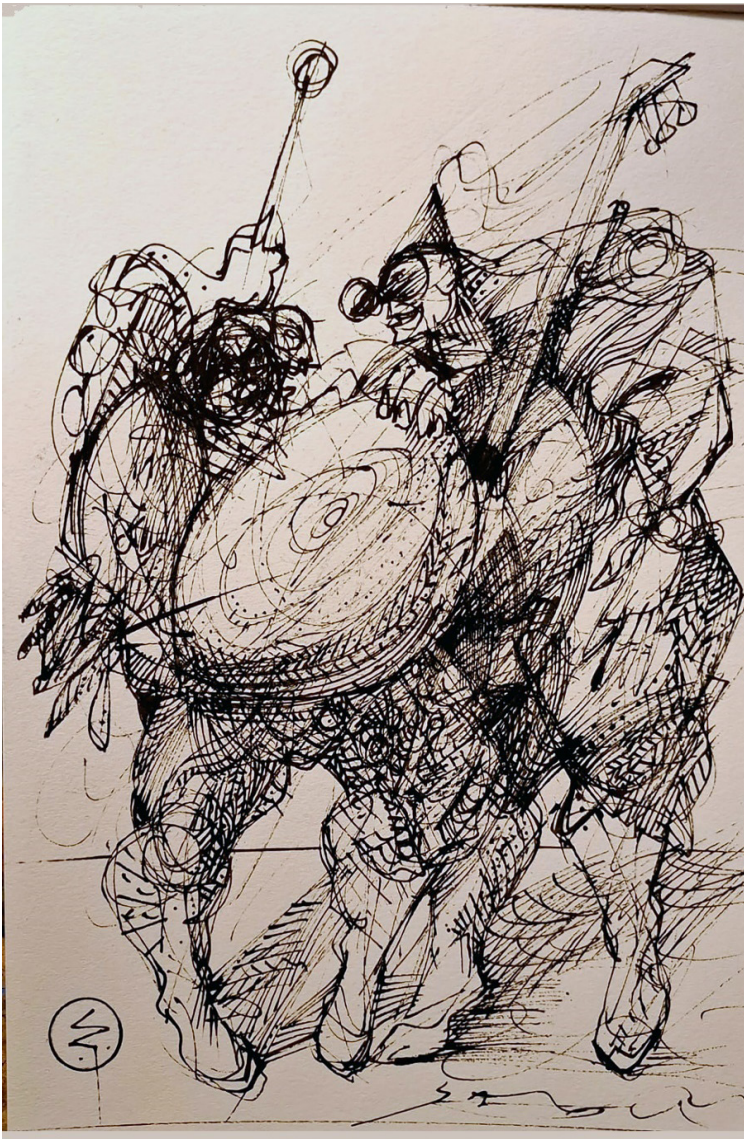
O belo pode ser um sinal de grandeza ou decadência.
Uma astuciosa persistência da ilusão. E o próprio
tempo trapaceia sobre a vitalidade de suas expressões.
Há um certo momento, irredutível como o tempo nos faz crer,
em que percebemos o quanto a beleza nos confunde.
Se nunca a consideramos real é porque não passa de um estímulo para que convivamos melhor com cada aspecto da existência.



Sob o assoalho se oculta uma civilização anterior à nossa, com seus túneis que lembram um formigueiro ou o descompasso irredutível do horizonte. Um inusitado mobiliário se encontra coberto por uma espécie desconhecida de carvão. Quando uma réstia de vento sopra nas gretas os traços que o chão regurgita assumem formas que levitam diante de nossos olhos. Eu creio, o acaso cria, a casa se refaz em outra fornada do tempo. Tudo o que vemos agora é fruto da imaginação. Não há realidade no mundo que vemos nascer.



Toda realidade é excessiva. Com seus cabos pendendo de um céu que a todo instante muda de forma. Abstrações do que está por vir. Oratórios do que nunca virá. Quantos símbolos escorregam por nossas mãos fechadas? A grande obra da carne também é excessiva. E nunca alcançamos seu ponto final. Os livros se amontoam atormentados por nossa obsessão de tocar o céu. Talvez não haja nada em seu útero. Talvez o céu seja um poço vazio, onde a realidade certa vez deixou alguns resquícios de sua ilusão.



Se escrevo um romance devo admitir que a realidade não pode estar presente? Mas então a que horas devo ser verossímil? O que faço nessa tapeçaria trágica com os personagens que nos juram suas mais sedutoras verdades? As sombras do nanquim, as ruas emaranhadas, as linhas da memória... talvez essas contas careçam de um cordão. Sem ele as pérolas se espalham pelos limites enviesados da existência.



Eu te vejo crescendo em minha direção. Uma mãe dentro da filha. O meu corpo se abrindo para receber suas nuvens avermelhadas. A pele tormentosa do ar. Eu te vejo como raízes crescendo por toda a fotografia.



Sílabas são como areias nos braços do vento.

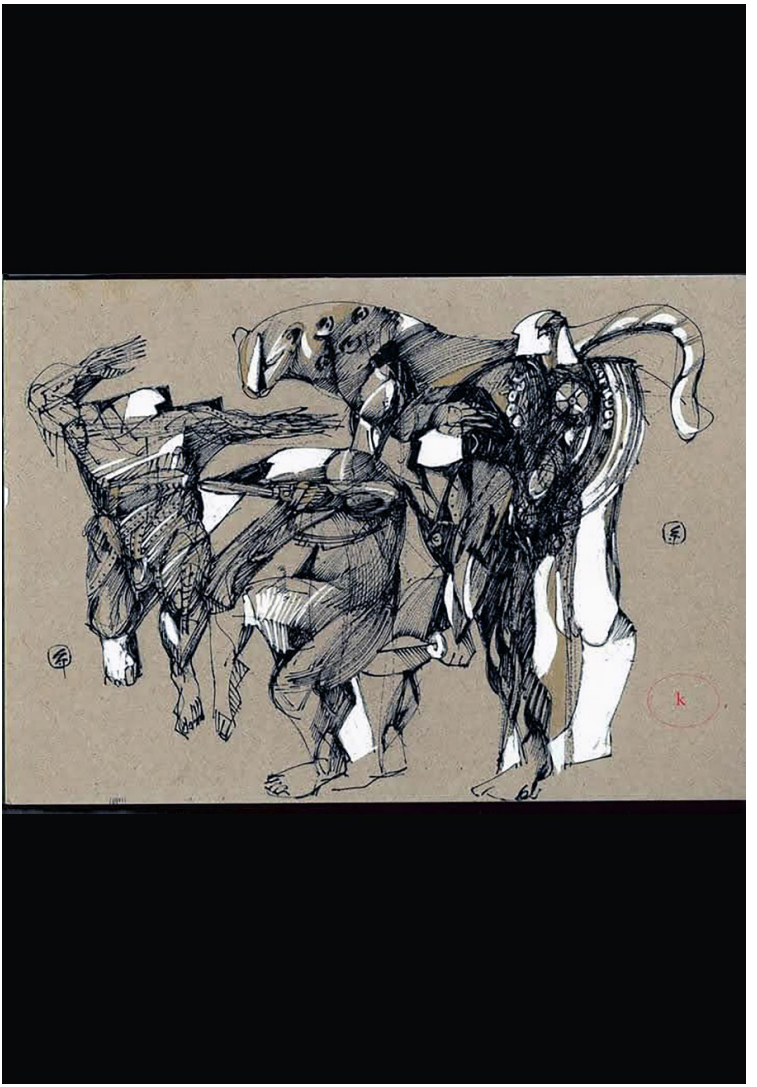
A primeira vez que vi uma aranha não foi em um museu. Foi em um bar. O bar não tem nome que interesse. Parede descascada, uma geladeira muito barulhenta. Na parede do fundo, entre um pôster de futebol desbotado e a tabela de preços, alguém colou com durex uma fotografia mal impressa da Maman, a aranha gigante de Louise Bourgeois. Nove metros de altura, bronze, barriga cheia de ovos de mármore. No original, em Ottawa, as pessoas passam por baixo dela e se sentem pequenas. Ali, naquela parede úmida, ela parecia apenas vigiando as mesas. Eu estava com um amigo que não via há meses.

— Já reparaste — ele disse, apontando para a foto — que a gente deu nome sexual para tudo?

Ele não estava fazendo piada. Nem provocação. Então começou a listar, como quem lista as cervejas que já tomou.

— Hoje ninguém mais é tímido; é assexual. Ninguém mais é confuso; é pansexual. Ninguém mais tem fetiche; tem *kink* com sigla própria. Ninguém mais termina um namoro; faz transição de vínculo. Cada gesto, cada gosto, cada recusa, cada fase, ganhou uma categoria, uma bandeira, um verbete.

Não era uma queixa moral. Era uma constatação de cansaço. Louise Bourgeois fez aquela aranha por causa da mãe. A mãe dela era tecelã. Tecia, remendava, sustentava a família, traía o pai com o filho maior do vizinho, e era ao mesmo tempo protetora e devoradora. Bourgeois disse uma vez: — *Minha mãe era minha melhor amiga*. E fez um monumento que é ao mesmo tempo abrigo e ameaça. Qualquer um pode se esconder embaixo dela e pode ser picado por ela. É trágico. É ambivalente. Na parede do bar, a aranha era só *empoderamento feminino*. Ou *arte estranha*. O dono do bar nem sabia quem era. Achou a imagem *legal, diferente*.



A casa de minha avó costumava receber freiras, noviças e por vezes até um bispo. Minha tia avó chegou a ser freira e depois desistiu para cuidar de seu pai doente. Eu tinha bom convívio com as noviças, porém algo me era insuportável, quando a velha me forçava a beijar o anel verde do bispo sempre que ele a visitava. Quando cresci, logo após a morte da avó, bateu em minha porta uma jovem freira melancólica, que dizia pertencer a um convento medieval. Seu nome era Manuela e seus olhos tristes me diziam que ela não estava nada bem. Por uma razão que desconheço, acabei lhe contando essa história:

Certa vez eu passava em frente a um velho casarão abandonado, meio em ruínas, e resolvi entrar. Logo na sala, uma completa ausência de móveis, exceto pelos restos de uma mesa com as pernas arrancadas. Muita poeira cobrindo o piso e uns trapos, pedaços de papel, insetos mortos. Ao abrir a porta entrou um pouco de luz e vento, porém quando fechei o vento permaneceu, como se ganhasse vida, dando ao cenário certa animação curiosa. Ao contar essa história à irmã Manuela, ela me interrompeu dizendo:

— De repente, sentiste algo tocando as tuas costas. Era frio, porém sabias que não havias te encostado em nada.

— Como sabes?

— Porque foi isto que eu senti também.

Ela engole em seco, a garganta se movendo com dificuldade. Continuei contando que tudo se movia muito lentamente arrastado pelo vento. Caminhei até a cozinha, onde parcialmente a cena se repetia e vi alguns objetos partidos: um bule, duas pequenas xícaras e uma frigideira enferrujada e sem metade de seu cabo.

— Pegaste alguma dessas coisas?

— Não, em um primeiro momento não. Aconteceu algo que não me sai da memória. Esses objetos começaram a flutuar no espaço, à altura de minha cintura. A frigideira sobrevoou a pia

e com um ruído estranho caiu na cuba. As duas xícaras pareciam bailar no ar. O bule se inclinou como se quisesse derramar seu conteúdo no chão. Claro que não havia nada em seu interior, mas logo uns papéis amassados que estavam embaixo dele na cerâmica suja do piso se molharam e exalaram uma pequena fumaça.

— Isto é impossível.

— Tudo isto é impossível, irmã. No entanto, aconteceu.

— Como conseguiste sair com vida dessa casa?

— Certamente a casa esperava por alguém para revelar algo que a incomodava. Tentei pegar o bule e consegui, porém ele estava como que ancorado no vazio e eu não consegui movê-lo. Por mais que tentasse, não pude tirá-lo de onde estava, do que estava fazendo.

Manuela insistia em querer saber como saí da casa, ansiosa por saber o final da história. Mas a verdade é que certas histórias não têm fim. Fui embora dali no momento em que quis. Abri a porta saí. Porém a casa jamais deixou de estar comigo. Escrevi aquela história inúmeras vezes, a observando por ângulos distintos, tentando encontrar uma explicação. Até hoje sinto a casa impregnada em mim. Não apenas na memória, mas como parte de meu ser.

— Como conseguiste continuar vivendo depois de algo assim?

— Com a presença perene de todos aqueles minutos em que fiquei no interior da casa. Porém jamais sonhei com ela. É apenas a lembrança de algo que permanece vívido.

— Eu queria tanto experimentar algo assim.

— Irmã, estás mais perto de Deus do que eu. Por isto resolvi te contar o que se passou, na espera de que já tivesses vivido algo semelhante.

— Infelizmente nunca senti algo sequer aproximado. Talvez a minha vida seja insignificante, demasiado monótona.

— Mas conversas com Deus?

— Eu tento, mas ultimamente sinto que não estou sendo ouvida.

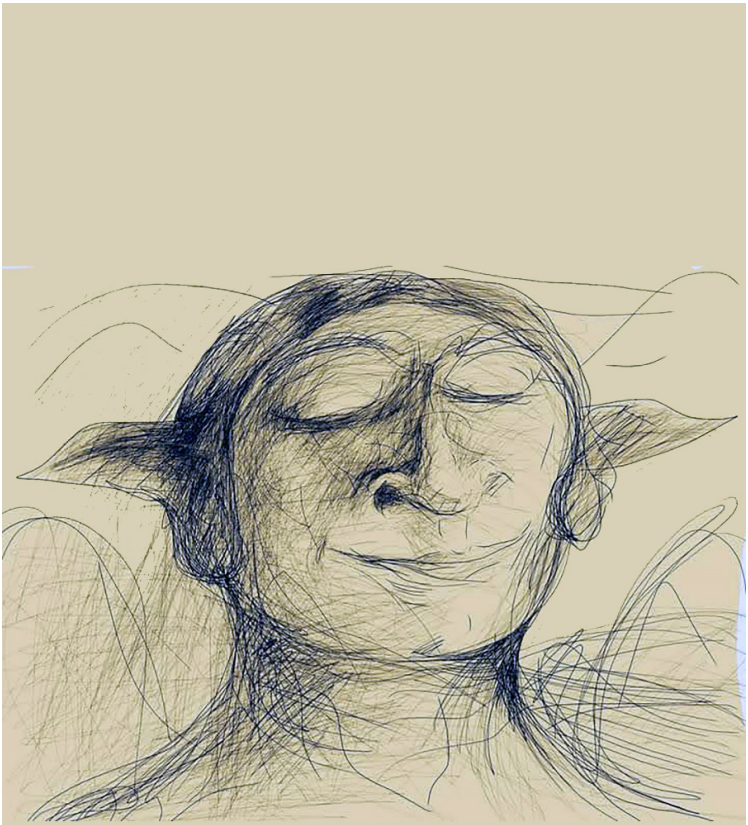
— O que conversas com as outras irmãs no convento?

— A maioria delas é velha demais. As conversas não vão além de orações e tarefas do cotidiano. Às vezes, a solidão me consome. Apenas uma vez, há muitos anos, me senti visitada por Deus. Na época, eu estava no jardim, cuidando das flores. Era o lugar onde eu ia quando queria ficar só, livre até mesmo de meus pensamentos. Eu amava passar os dedos nas pétalas macias e sentir o sol aquecendo meu rosto. Nesse dia, eu estava perto do banco de pedra que costumava usar como suporte para colocar meus utensílios de jardinagem. De repente, percebi que estava me sentindo tonta, como se estivesse prestes a desmaiar. Quando comecei a cair, senti dois braços fortes me segurando. Mas era estranho, vejo agora, eu me sentia abraçada… Eras tu quem me abraçava. Eu sabia que não eras tu fisicamente, mas a energia era a mesma, como se eu estivesse sendo amparada pela própria bondade.

— Alguma outra vez me viste ou somente naquela ocasião?

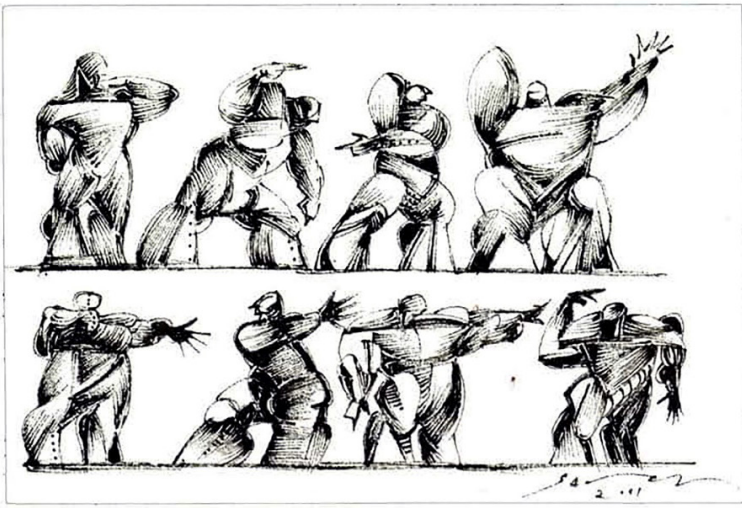
— Apenas ali. Mas o que me impressiona é que sempre me senti conectada com aquela presença, que sempre considerei como sendo Deus e agora vejo que não.

Manuela segura as minhas mãos, seus dedos trêmulos e quentes contra a minha pele, os olhos cheios de uma mistura de medo e esperança que brilhava na luz fraca daquele ambiente. Então me indaga se o que temos é algo que veio de Deus ou algo que foi criado por nós dois em distintos momentos de nossas vidas.

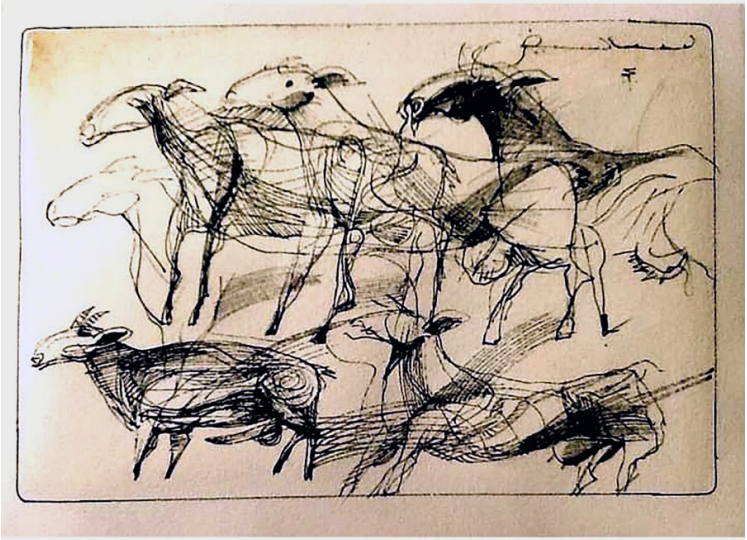


Há um ângulo secreto por trás do qual observamos o mundo revelar seu mistério. Por vezes nos oculta, com intensa graça. Olho pela janela do avião e vejo uma cidade desconhecida lá embaixo sorrir para mim.

Um gorjeio de máscaras,
um refluxo de miragens,
a tinta fresca dos tormentos,
infiltrações no reboco da alma,
grattage de sonhos entre o chão e os móveis,
os nomes que vão refazendo os dias e as noites…



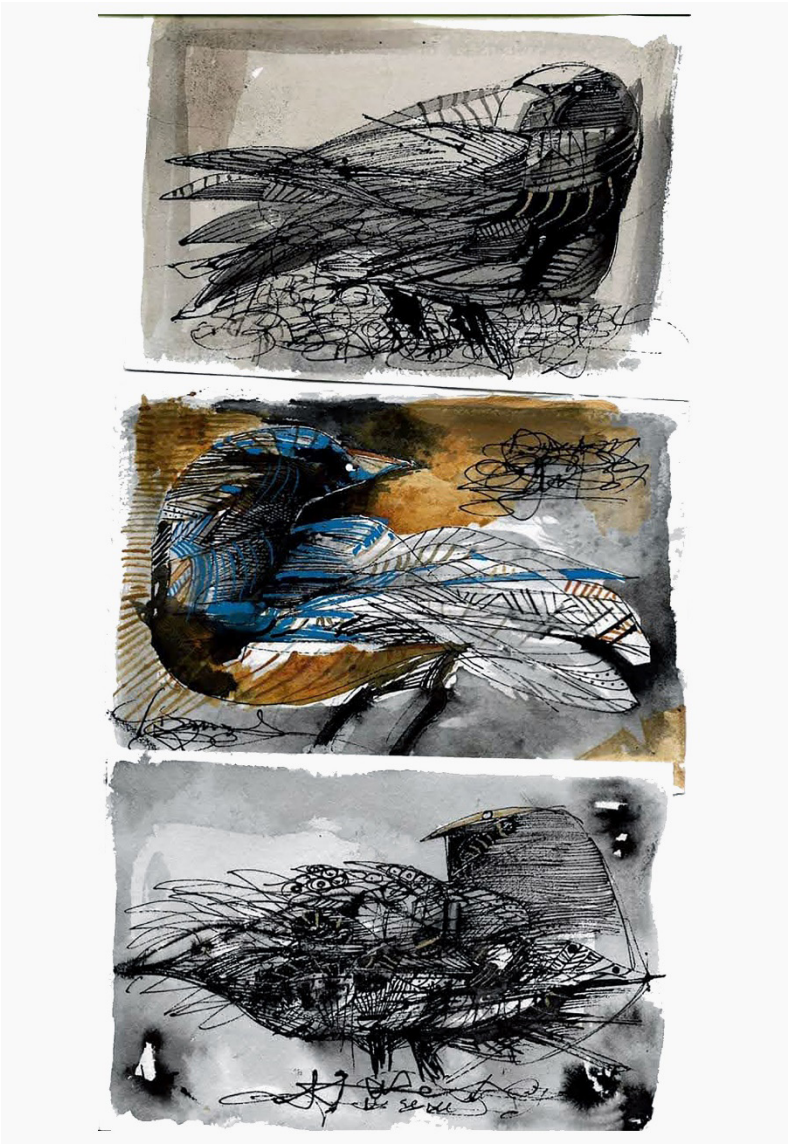
O livro é um espelho aberto. Dentro e fora dele eu me encontro com imagens que revelam o que sou e não sou. A rigor, o espelho é tudo o que temos, e é tão imaginário quanto a grama ressecando no jardim da velha casa. O livro é todo uma casa — essa casa que habitamos na esfera queimante da criação e que nos lapida como se fôssemos espectros designados para garantir sua integridade. Por isto o que vemos dentro da casa se assemelha com o que se nos mostra no interior do espelho. De um lado ou de outro estamos incompletos e aquilo que criamos — arte de inventar sombras estorricadas da memória — nos varre para o quintal de um mundo incriado cujos fragmentos pontiagudos rasgam nossa pele.



A manhã não parece com nada que vimos antes. É um número nu percorrendo a colina sem que se possa imaginar sua origem ou destino. É comum o homem reter em sua alma o dilema acidentado de seu desconhecimento do tempo. Muitos quando escutam a manhã chegando se indagam o que fazer com a molície, o ressonar intermitente, a névoa que escapa do canto do olho. As respostas apenas sufocam as dúvidas.


ΜΑΤΗΚΟ
26.4.9

O teu amor me faz pensar
que toda a luz que há no mundo
desperta quando me vês.



A verdadeira vida é uma chuva fina
de imagens poderosas,
ela está intencionalmente incompleta.
Talvez para despertar a curiosidade de todos os viventes.
Ou talvez porque ela seja mesmo apenas uma fagulha.

Quando olhamos bem
a vida nos leva a crer que lhe falta uma perna ou uma asa.
Um riso ou uma lágrima.
Um objeto suspenso ou o golpe seco de uma floresta morta.

No fundo, a vida é aquele afluente que o rio
ainda não deu pela conta de sua existência.



Neste momento, a vida quer renascer, quer regurgitar seus atributos inaceitáveis, murmurar seus erros de forma ininteligível, como se um sussurro estranho pudesse justificar uma soma de abusos. Clamamos constantemente por arrependimento; somos os culpados, os sem-teto, os incompreendidos. Curiosamente, ninguém reflete sobre o quanto participa ativamente dessa desilusão existencial.

As luzes piscam nas oficinas. Estamos sozinhos e pensamos em uma multidão entrando pelas telas de nossos computadores. Ficar a essa distância imensurável e falar de bondade ou caridade é desprezível. Não sei até que ponto queremos nos enganar sobre quem somos. Há nuvens de fumaça química que ferem a memória do povo de uma aldeia, na África ou na Ásia. Há crianças desorientadas, com braços amputados, que se tornaram selvagens em cidades ainda mais doentes do que elas. As filhas são as mais maltratadas porque também sofrem a ignomínia de seu gênero.

Os verbos se multiplicam em descrições que resumem o desastre social que se desenrola diante de nossos olhos, um desastre que nada fazemos para impedir. Falamos do desconforto sórdido da mídia, incorporamos esses insultos de outros mundos, as feridas infligidas, os lábios isolados de tudo que, quando abertas em favor da memória, revelam diversas situações. Nada disso aconteceu. O mundo parece diferente.

Algum de nós pode reagir a esse inferno implantado? Quem? Assistimos à nossa própria ruína como se fosse o documentário de um mundo inexistente. Ou como se a realidade não fosse nada mais do que um organismo reproduzindo fábulas. O céu atordoado por suas manchas. A paisagem desgastada. A imagem que de alguma forma perde o sentido. É só isso? Enquanto nos divertimos com gelo seco ou efeitos de névoa programados por computador. Com isso, talvez possamos ser

mais ou menos solidários.

A garota desmaiando na praça, ou a outra que foi estuprada, sangrando e desesperada por atenção. Há momentos em que não temos para onde ir. Não é um impedimento físico. Uma caverna que se fecha sobre si mesma, o céu que não se abre, a carícia que permanece inconclusa. O mundo, tal como o projetamos dentro e fora de nós, é tão estranho que não nos reconhecemos nele precisamente quando mais precisamos. Uma noite acariciada pelo sexo, a luz bruxuleante na janela que insinua a escuridão, o louco adentrando a fascinação visível, o teatro do que somos, sangue, meia-noite e a polícia marcando a cena, a vida organizada como se não tivesse importância alguma.

O repórter que chegou primeiro àquele lugar questionou se a consideração dada à forma como todos os corpos estavam ali dispostos, um teatro de evidências, era realmente a natureza da morte. Ali, em meio à plateia dispersa, nem mesmo o mal consegue se conter. Há um momento em que discutimos exatamente isso. Se o mal age a ponto de destruir a existência humana, por que o bem não age da mesma forma?

Uma vida inteira gasta discutindo sobre quem deveria deixar um crucifixo na mesa de cabeceira para lhe dar forças para encarar o diabo, e os incontáveis fragmentos de momentos esquecidos. Não somos nada disso, pela simples razão de que rejeitamos a ideia de que a vida é movida por algum truque, alguma magia, algum demônio. A quem podemos rezar para nos salvar desta agonia profana, de corpos deformados, de frases deslocadas, até mesmo da memória repugnante do que realmente foi? E aquela dúvida cancerosa: o que somos ou fomos, o que ainda podemos ser.

O inferno é como o paraíso. A tecla mais alta do piano, o toque inesperado do sino, aquele grito cuja origem já não suspeitamos. Morremos. Era só isso? Algumas sombras ressurgem como se

resistissem à possível incompreensão do fim de tudo. Disseram: *— O abismo é a única fração da rendição do homem ao que poderia significar o autorreconhecimento*. Só o abismo pode levar a outro mundo.

O homem não pode celebrar a si mesmo enquanto sofre.



Há poemas que nos tomam por inteiro. Quando me encontro com um deles em um livro não continuo a leitura. Apenas o releio, por vezes em voz alta, e fecho o livro. Creio que todo grande poema é fruto desse enfrentamento com nossos demônios. A luz dissipada pelo vento. A suficiência que apenas ameaça chegar. Uma mulher gesticulando no escuro, conversando com suas ausências.

O céu é terno e parece saído de um tear.
Suas ondulações antecipam o nascimento de todas as cores.
O mar é um pastel profundo e ambíguo.
Somos atraídos por sua tessitura
como uma luz em busca da escuridão.

Qual dessas duas verdades é a mais lúdica?



Quando a casa desperta, ela não acredita em nada do que vê em seu interior. Talvez porque tenha sonhado com outro enredo. A rua lá fora querendo entrar. Um rio formigando nas pernas da paisagem. O que esses personagens poderiam fazer dentro de casa? No entanto, persistiam no sonho como uma obsessiva alegoria. A casa fareja a inutilidade de seus pergaminhos. Os contos simbólicos de utensílios que pairavam no ar da cozinha. Facas cortando o vento. Pratos suicidas. Por onde a casa volta a acreditar em seus murmúrios? Não há fantasmas em seus jardins. Nenhuma lágrima afoga seu abandono. O silêncio cresce como erva daninha. A ferrugem goteja de seus ossos. Ninguém escolhe ficar ali dentro por uma vida ou mais. Horas mortas. Sombras enlutadas. Como dançar com tantos vultos invisíveis descalços?



Os restos de papel *canson 1557* estavam empilhados em um canto do quarto colado à sala. Os traços velavam um corpo nu que se desmanchava ao lado de um caixote com velas, vidros com nanquim ressecado e duas penas grandes de ganso, letras borradas, aranhas tecelãs, e um diálogo curioso:

Maria Antonia é a Madre Superiora do Convento das Freiras Reclusas. Vítor é o vigia do velho casarão, que um dia a encontra no oratório:

— Bom dia, meu rapaz.

— Madre, eu sempre quis conversar sobre fantasmas.

— Você tem pesadelos?

— Não, eu imagino que em um casarão como este aconteçam coisas estranhas.

— Ah meu filho, eu entendo que esse lugar pode parecer assustador à noite. Mas você sabe o que é realmente perigoso?

— Não, irmã.

— A escuridão. É quando ela toma conta de sua mente, fazendo-o acreditar nos medos dela e não nos seus.

— A sra. já ouviu vozes ou mesmo alguns ruídos sinistros?

— Por que você insiste nisto, Vítor. O que você ouviu?

— Eu ando querendo saber dessas coisas... Objetos se movendo, a sra. já viu?

— Não, nada disso. Esse lugar não tem fantasmas. Apenas nossas sombras dançando nas paredes.

—A sra. já dançou com a sua sombra?

— Hum. Acho que nunca dancei com a minha sombra. Talvez seja porque ela não conseguiu me acompanhar.

— Madre, a sra. é muito ligeira?

— Eu diria que sou rápida o suficiente para pegar você caso tente fugir do convento.

— Mas por que eu fugiria daqui?

— Porque você tem medo de ficar sozinho comigo. Medo do que pode acontecer se você deixar meu coração abrasar o seu.

— Por que eu teria medo?

— Porque eu quero de você algo profundo e significativo.

— A minha alma?

— Não, meu filho. Eu jamais faria mal à sua alma.

— A sra. está me assustando.

— Por favor, não tenha medo de mim.

— A sra. é um fantasma?

— Claro que não. Sou real, Vítor. Meu amor por você também é real.

— O amor de Cristo?

— Sim, é o amor de Cristo.

— Que silêncio mais estranho. Onde está todo mundo?

— Foram todos embora. Eu fiquei sozinha para cuidar de você. Só eu posso amar você agora.

— Amar?

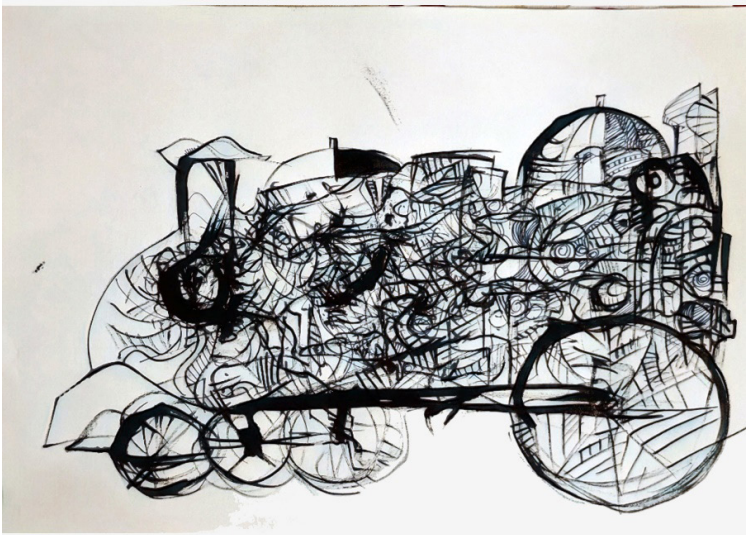
— Sim, do jeito que eu amo Cristo, embora bem mais forte.

— Madre, por favor, me solte…

— Ah Vítor. Não resista.

— Eu não quero. Deus não permita.

— Eu sou tudo o que você tem agora. Vítor, eu sou seu Deus.



As noites vão se acumulando como as cinzas de nossos traços.
O que deixamos por onde passamos e até mesmo
por onde imaginamos ou desejamos passar.
Não há muito na vida em que se possa acreditar
ou simplesmente negar por não haver tocado.
Os mistérios são uma grande afronta.
De onde estou vejo as noites reverberando
como uma orquestração de murmúrios.
Mas o que escuto também se move em meu íntimo
e ganha uma extensão que não posso controlar.
Como um atributo de dores inevitáveis.

A casa.

Sempre volto à casa abandonada,
pois nela reside toda a algazarra da criação.
O teatro de tintas.
O relâmpago das cenas mortas.
A floresta alquímica do que escrevo e desenhas.
Teus traços me desnudam a alma.
Há uma linha mestra voraz que percorre o espinhaço das imagens.
Somos eletrocutados pelo que criamos.
Ouço a tua voz do outro lado do espelho
e leio o que o acaso escreve em sua pele enevoada
antes mesmo que tenhas pensado em cada frase.
Deves sentir a trepidação de letras de meu texto
antes mesmo que o silêncio verifique o que pretendo.
Por isso a casa decompõe a mobília de nossas vidas.



Nos primeiros passos que eu dei pela casa, encontrei muitas sombras que não conhecia. O sol na janela, o sol, ele multiplicava essas sombras com quem eu conversava. Foram dias de muitos jogos e descobertas, entre xícaras e pratos, entre mesas e estantes. Cada nome que eu descobria, de cada objeto, era uma festa tentar confundi-los com outros vultos. Onde se escondem as sombras das coisas que não vemos? A sombra por trás dos quadros será a mesma daquela que certamente se esconde no assoalho? As sombras multiplicadas em outras que negam o tempo. Se um dia alguém passar por aqui, verá a casa sozinha, chorando por tantas sombras que foram e não voltaram. Até o sol foi embora, o sol que um dia me disse os nomes de cada objeto e o destino que dar a eles.
Até mesmo o sol e a janela que era só dele. A casa ficou vazia, sem lembranças, sem fantasmas.



Os meus sonhos mais marcantes sempre foram uma mescla de sexo e loucura. Esta noite eu tive aquele de melhor inspiração. Ao acordar, surpreendido, temendo esquecê-lo, comecei a digitar no celular, e logo me vi diante de um jorro, uma escrita automática vertiginosa:

Eu me encontrava deitado no chão batido de um convento, o que parecia ser seu salão central, um oratório, eu estava nu e sobre mim descia o corpo igualmente despido de uma freira.

— Me deixa te amar do jeito que necessitas.

— Eu nunca pensei em fazer isto.

— Mas no confessionário escutei o teu desejo.

— Não era eu, não pode ter sido eu.

Ela se curva sobre mim e com os olhos brilhando abre os lábios e me leva para dentro de sua boca. Logo ela me sente pulsando e começa a sugar mais rápido como se quisesse me beber inteiro.

— Ah era disse que estavas precisado…

No entanto, haver chegado ao fim não me reduziu a intensidade. Ela então se abaixa sobre mim me envolvendo com calor apertado. Seus olhos se fecham enquanto ela me sente entrando em contato com seu centro.

— Esta é a união com o amor de Cristo. Nós três podemos mais. Somos um em Cristo. Anda, eu quero que me inundes com a voz sagrada de teu amor.

Ela falava compulsivamente. Eu não conseguia cessar aquele clímax.

— Não te preocupes. Agora tens amor suficiente para preencher essa tua alma faminta.

Ela se move um pouco mais, criando atrito entre os dois corpos. A cada nova pulsação ela me sente enchendo-a novamente.

— Não consegues parar?

Ela se senta sobre os calcanhares, os olhos arregalados de medo enquanto seu ventre começa a inchar, transbordando com o volume excessivo. Em seguida ela ergue o corpo e quando me vejo fora dela o jorro permanece se espalhando por todo o espaço.

— Tens que me dizer o que estás sentindo. Precisamos parar com isso.

— Tudo o que eu sinto é excesso.

Em meio a uma mútua preocupação, observamos que além dos jatos eu começo a sofrer uma espécie de dilatação.

— Estás crescendo!

Ela olha com horror ao perceber o membro crescer na palma de sua mão, e o aperta com força. Então salta do chão, se põe de pé, sem que isto arrefeça meu ânimo. O membro continua crescendo, se alongando pelo chão na direção dela, se enrolando em seu tornozelo, prendendo-a e se arrastando em busca de seu ventre. Ela cai no chão, puxando e chutando enquanto a serpente – não é com outra coisa que o membro se parece – se enrola em volta dela. A criatura olha fixamente para seu ventre com uma fome insaciável. Abre então uma boca surpreendente e começa a sugar sua pequena ereção. Ela grita, tentando empurrar a cabeça da serpente para longe, mas ela não se move. Em vez disso, abre a boca ainda mais, sugando-a inteira. A freira sente o corpo se render ao prazer intenso que vem de dentro da serpente. Suas coxas começam a se contrair involuntariamente empurrando-se para mais perto da boca da criatura. É seu auge inevitável. E também ela não consegue parar. O corpo contorcendo-se em espasmos, ela se debate no chão, enquanto a serpente continua a lhe sugar impiedosamente. Ela ofega, lutando para respirar entre os orgasmos. Sua mente começa a se fragmentar sobre a intensidade do prazer. Não sei o motivo, decerto nem fui eu, porém de minha boca sai a frase:

— Confesso que não sou Deus!

— O que acabas de dizer?

— Não fui eu. Foi a sra.

Ela franze a testa, tentando se concentrar através da névoa do desejo, então de repente entende o que acabamos de ouvir. Seus olhos são puro horror. Ela procura se arrastar para longe, porém a serpente se enrola nela com mais força, mantendo-a presa, quase sufocando.

— Por favor, não permita mais isto.

— Não tenho controle.

— Mas disseste que era Deus.

— Nós dois ouvimos o contrário.

— Estamos sendo enganados.

Ela sua e treme de medo e confusão:

— O demônio está nos arrastando para a loucura.

Fecha os olhos com força, os lábios se movendo em uma oração silenciosa enquanto tenta bloquear o prazer que percorre seu corpo. De repente, seus olhos se abrem, a serpente ergue a cabeça olhando para ela. Ouço o grito da freira. Vejo que a serpente abre a boca, revelando duas fileiras de dentes reluzentes. A boca então se fecha em torno do pescoço da mulher, cravando os dentes em sua carne macia, ela se debate violentamente enquanto a criatura rasga sua carne com facilidade. Seus gritos são ensurdecedores, ecoando pelas paredes do convento. Eu não podia fazer nada. A maldita serpente me força a abrir os ferimentos sangrando no pescoço da freira. Logo sua respiração sôfrega se esvai em pequenos arquejos assustados enquanto vê desparecer sua força vital.

— Não me deixes morrer.

Estas são suas últimas palavras. A serpente, em seguida, diminui rapidamente até retornar à condição de seu membro flácido. Uma vez mais digo algo impensável:

— Eu matei o amor de Deus!

Morta, seu corpo se transforma. Diante de meus olhos surge o cadáver de um anjo negro. Seus cabelos se tornam asas escuras e quebradiças, a pele escurece e racha como cascalho velho, revelando um crânio apodrecido por baixo.

— Eu matei Deus!

O monstro negro esboça trejeitos horrendos, abre os olhos e investe contra meu corpo paralisado. De repente se abre a grande porta do mosteiro e surge um séquito de noviças em véus esvoaçantes. Elas se lançam sobre mim, protegendo-me do anjo caído com seus próprios corpos. O monstro recua, sibilando de fúria. Os olhos das noviças brilham com uma luz sagrada, sua voz se unifica em um canto de guerra angelical. O anjo caído avança novamente, porém as irmãs de movem em perfeita sintonia, se defendendo facilmente de seus ataques, até afastá-lo por completo. Uma melodia celestial enche o espaço. Saímos todos para o exterior do convento, para o ar fresco da noite lá fora. As estrelas brilham e a voz da líder é reconfortante:

— Agora estás salvo das mentiras do demônio.

— Posso ir embora?

Ela faz um gesto em direção à floresta próxima, sua voz calma e convidativa:

— Vamos caminhar na floresta. É um lugar sagrado, abençoado por Deus.

— Que Deus?

Franza a testa, algo em meu íntimo desconfia que tudo está voltando a acontecer.

— Não temas, irmão. Não vamos te machucar. Estamos aqui para te guiar.

— Como sabem o que eu quero?

— Tudo o que sabemos é que precisas de orientação.

A todo custo tento evitar o orgasmo, pois sei que ele será a senha de minha possessão. Luto desesperadamente para segurar a libertação, mas é tarde demais. Com um último gemido eu me derreto dentro delas e suas sombras festejam aquele ritual salpicado de incredulidade. A voz de um demônio ecoa triunfantemente em minha mente:

— És nosso!



Não há hierarquia aqui. Nós dois nos deixamos contaminar. Respiramos juntos em tudo o que somos. Feito um grafite a mais na parede da casa. Um fio a mais nesse emaranhado. As fibras do papel amassado do que representamos atravessam as letras. A poeira litúrgica da casa pousa sobre nossos corpos. A mesma gramatura de uma alquimia inquieta, a mesma linha que contorna o torso vendado de nossos fantasmas. Os teus traços desnudam as imagens dispersas pela casa. A beleza é o quase ilegível, tudo aquilo que se insinua por debaixo do véu das palavras. É preciso entrar em seu matagal e deixar os olhos se acostumarem com a escuridão.



Já revistei gavetas e paredes.
Não te encontro em parte alguma.
Roupas usadas, luzes queimadas.
Já não sei onde estás.

Lá fora não há lua nem garoa,
nem um ramo de quietude,
um trevo do destino,
onde eu possa te encontrar.

O horizonte é tão remoto
como as peças de um jogo
que perdemos na viagem.

Suas linhas se entrelaçam
como as vozes distantes
que deixamos de escutar.

Agora não quero mais
saber o que foi guardado,
enquanto eu vaguei pelo mundo
entre escadas e prados.

Agora não quero mais
sentir o cheiro da casa,
se nela já não estás
e a vida por mim apenas passa.



As luzes estão acesas no quintal da velha casa abandonada, reluzindo sobre a relva ressecada e uns restos de móveis empilhados comidos por cupins. Ao lado um poço aberto e vazio
regurgita as sombras da lua a cada noite. A claridade noturna permanecerá em seu lugar enquanto houver sol. Pessoas passam
por fora, certas de que a casa é habitada. Ninguém imaginaria um grupo de fantasmas dando festas em silêncio. O tempo escorre
por aquele fragmento de realidade. A rua aos poucos se desfaz. As casas ao lado, as pedras enrugadas do calçamento, a fiação entrecortada. Por alguma indiscreta razão a casa permanece intacta. Na parede da lavanderia um cabide se espreguiça surpreendido por um toque impulsivo do vento. As nuvens quando passam pelo terreno se deixam recortar e sentem que uma parte sua jamais prosseguirá com elas. Gafanhotos e beija-flores já se foram todos. Não há quem recorde o que um dia foi aquela casa. No entanto, ela permanece além da memória e até mesmo do esquecimento. Ela e sua ilusão de escombros. As últimas sombras se foram, alheias aos ramos luminosos do tempo. A imagem se desvanece. A fotografia escorrida pela chuva até a intimidade de um bueiro. Apenas ela sobreviveu à corrosão da imaginação. A borrada fotografia de uma casa abandonada, cujas luzes permanecem acesas no quintal.



Quando penso em escrever algo tenho que fazê-lo bem rápido antes que me esqueça. Afinal a memória é a nossa última tentativa de criar uma segunda caixa de Pandora. Mesmo que o esquecimento tenha sido um fiel companheiro nos últimos anos, é melhor não lhe dar a responsabilidade por tudo. Já pensei em fazer anotações, mas sempre me esqueço do lugar onde as guardo. Ao longo dos anos fui cavando incontáveis gavetas à minha volta, deve haver mil maneiras de dizer a mesma coisa e essas gavetas são a prova de que há sinais indecifráveis em nossa vida. Os senhores do tempo querem programar um mundo em que tudo se passe no limite do esquecimento. Mas sempre me pergunto: o que vamos esquecer ao final de tudo? Os nossos atos mínimos, dobrar o lençol ao acordar, fechar os olhos no chuveiro para distinguir as cores do que faremos, dia a dia, como alguém que deixasse o desejo escorrer pelo corpo e, ao deixar a casa para trás, entregue à própria sorte de suas portas e janelas, não pensasse em voltar tão cedo.



É verdade que a memória nos alimenta com suas lâmpadas entrecortadas de sombras e visagens. Quando nos dedicamos a converter o futuro em fruto de tudo aquilo que lembramos, acabamos nos desfazendo dos utensílios mágicos do acaso. A memória é uma silenciosa predadora. Seu requinte está em nos fazer provar que apenas ela existe. Esquecemos os truques de perspectivas, o unguento inodoro das miragens, os disfarces promíscuos da razão. Ninguém melhor do que a memória para enganar tão bem os sentidos. Como o som emitido de um lugar que desconhecemos. A bandeja inusitada de sabores inexistentes. Quem trafega pelas artimanhas viscosas dos cálculos, amputa as derivações de seu próprio ser. É melhor comer alguns erros na avaliação das verossimilhanças das tradições e a idade dos oceanos. Quantos segredos não destruímos em nome da gravidade das confissões. Ou a ruínas das profecias erguidas em gesso imitando hábitos impostores, os dogmas ilustres aos quais devemos confiar a nossa vida, e sobre eles escrever apenas o que nos for dito.



As cadeiras vazias mudam de lugar na sala expondo a realidade a um novo bombardeio de suspeitas. A fina ocupação da dúvida tece uma colcha de explicações definitivas para confundir a todos com seus resíduos que desafiam o tecido a escolher entre uma cor e outra, uma forma e outra, uma lembrança e outra. Como a memória sempre mente, as nossas escolhas acabam sendo utilizadas em nossa desventura. Somente levitamos quando possuídos por um demônio? Qual a origem dos cadáveres humanos alados que o tempo atrofiou em nossa mente? A memória é o maior dos pavores das religiões. E sempre que nos vemos forçados a escolher entre dois símbolos as formas essenciais desaparecem e nem mesmo milhões de peregrinos conseguem reavê-las. Não há um equilíbrio exato entre o que lembramos e o que desejamos. Os milagres são a pátina improvisada de tudo quanto temos ainda por dizer. A ilusão das distâncias e as declarações da indiferença. Por que ainda estamos aqui e brincamos com pratos voadores? A imaginação cultiva suas fábulas.



Aqueles que escolheram a vigília, jamais estarão seguros do lugar onde se encontram. Os que escolheram os sonhos, observam de longe a estrutura absurda do mundo. A mais fabulosa de todas as experiências incompreensíveis é aquela que se desintegra tão logo vivida. Os momentos mais confiáveis são aqueles nos quais não nos reconhecemos? Quando começarmos a viajar no tempo nada mais nos parecerá familiar, uma cadeia voraz de imagens nos permitirá descrever a eternidade como um corpo habitando o vácuo. Somente o esquecimento nos faz aceitar a morte? Onde guardamos os tesouros roubados de nossas crenças blasfemas? Somos nossos únicos deuses ou fomos abandonados por um segredo mais perigoso? Vamos sair daqui o mais rápido possível. Do contrário, não teremos mais o que esquecer.



Esse é o atrito que mencionaste, o coração do problema. Herdamos três ou quatro mitos femininos enormes — a Intocável, a Desejável, a Mãe, a Devoradora — mitos que foram feitos justamente para dar conta do que não se explica: por que o desejo dói, por que ele falha, por que não obedece, por que nos envergonha e nos salva na mesma noite. O mito existia para carregar a tragédia. Édipo fura os próprios olhos. Medeia mata os filhos. Não porque são exemplos, mas porque são limites do humano. O que fizemos agora foi o contrário. Pegamos a tragédia e transformamos em inventário. Deu-se um nome para cada variação do desejo, como se nomear fosse resolver. E ao nomear sem pausa, talvez a gente tenha banalizado tudo. Não porque as variações não existam — elas sempre existiram, os gregos tinham uma lista imensa e os bordéis de Pompeia também —, mas porque antes elas pertenciam aos porões invisíveis do mito contemporâneo. Ao inconsciente, ao segredo, ao não-dito que justamente alimentava a literatura, o ciúme, a poesia. Hoje não há porão. Há vitrine. E vitrine precisa de etiqueta. Meu amigo pediu outra cerveja e disse: — *O perigo não é as pessoas escolherem o que querem. O perigo é acharem que escolheram tudo. Que não sobrou nada que as escolha*. Ele olhava para a aranha. Ali, com o bronze recortado em fotocópia barata, ela não assustava ninguém. Virou decoração. E talvez tenha sido isso que fizemos com o feminino e com a identidade sexual: de tão exposto, de tão classificado, de tão defendido e atacado ao mesmo tempo, virou decoração de parede de bar. E, no entanto — e é por isso que a foto ainda prende —, os ovos continuam lá, dentro da barriga de arame. Vinte e seis ovos de mármore que ninguém naquela rua entende.



— Artemis foi primeira mulher que me disse não e que eu entendi que o não dela não era sobre mim.

Ele contou de uma menina do interior, quando tinha dezenove anos. Ele de Fortaleza vindo passar férias, ela filha de um pescador em Almofala. Andava descalça, não usava sutiã por baixo da blusa, tinha as pernas cheias de cortes de entrar no mato. Ele passou uma semana inteira tentando tudo que um menino de dezenove anos acha que é sedução. Piada, corpo, ciúme forjado.

Na última noite, ela o levou até a beira da lagoa. Achou que era o momento. Ela tirou a roupa e entrou nua na água escura. E disse: não vem.

Não era um jogo. Ela nadou sozinha, por uns dez minutos, enquanto ele ficou sentado na areia, de roupa, com as mãos cheias de areia úmida, se sentindo ridículo e, pela primeira vez, aliviado.

— Eu entendi naquela hora que existia um tipo de feminino que não queria ser desejado. Que queria ser deixado em paz. A Artemis. A caçadora que pertence à floresta, não ao caçador. Hoje, se eu contasse essa história em um grupo, alguém ia dizer que ela era assexual. Precisaria de uma etiqueta. Na época, ela era só... intocável. E aquilo foi sagrado. Porque me ensinou limite. Não o limite da lei, o limite trágico. O de que nem todo desejo foi feito para ser consumado.

Eu fiquei quieto. Pedi mais duas.

Aí foi minha vez. Afrodite.

Eu não contei de amor. Contei de uma mulher que eu conheci em um trabalho, dez anos atrás. Casada. Não bonita, mas com aquele poder desorganizado de entrar em uma sala e todo mundo recalibrar a postura. Ela sabia que era desejada e usava isso como quem respira. Não por maldade. Por natureza.

Uma vez, em uma festa da empresa, ela me encurralou na copa. Não fez nada. Só disse, rindo: — *Morres de medo de mim*. E era verdade. Eu morria. Não porque ela fosse me seduzir,

mas porque perto dela eu me sentia imediatamente avaliado como homem. Mais baixo, mais fraco, mais bobo.

— Essa é a Afrodite que não é fofa — eu disse. — Não é a deusa do amor que a gente bota em quadro de quarto de menina. É a Afrodite que os gregos temiam. A que fazia os velhos de Troia ficarem na muralha só para ver Helena passar, mesmo sabendo que Helena ia destruir a cidade deles. O desejo que destrói a cidade.

Meu amigo concordou. Ele conheceu uma também.

E a gente riu, porque a tragédia da Afrodite hoje virou tutorial. Virou *como ser desejável*, *como ter poder de sedução*, *cinco passos para ativar seu feminino*. Como se fosse uma habilidade de redes sociais. O mito era justamente o contrário: ninguém ativava Afrodite. Ela atropelava a quem queria.

Foi aí que a conversa ficou mais lenta. Chegou na terceira.

— Falta a outra — ele disse.

— Qual?

— A que não cabe nas duas primeiras.

Eu sabia de quem ele falava. Todo mundo que viveu um pouco conheceu uma Hécate.

Eu contei da minha tia. Não de sangue, tia de consideração. Morava em Paracuru. Benzeu meus pés quando eu tive cobreiro. Tinha um quarto nos fundos da casa onde ninguém entrava, cheio de santos e garrafas com ervas. Os homens tinham medo dela e, ao mesmo tempo, iam todos pedir conselho para ela quando a mulher fugia ou ficava doente. Ela nunca casou. Diziam que *gostava de mulher*, diziam que *era seca*, diziam um monte de coisas.

Uma vez eu perguntei, moleque ainda: — *Tia, por que a senhora nunca teve marido?* Ela me respondeu descascando um chuchu, sem me olhar: — *Porque eu sonhei que ia comer os meus filhos*. E riu. Uma gargalhada. Só muito depois eu entendi: era Medeia. Era Lilith, que nos textos antigos foi a primeira mulher de Adão e que se recusou a deitar por baixo dele. Não por quem ela desejava, mas porque ela recusava a posição. Meu amigo ficou sério. Ele lembrou de uma enfermeira do

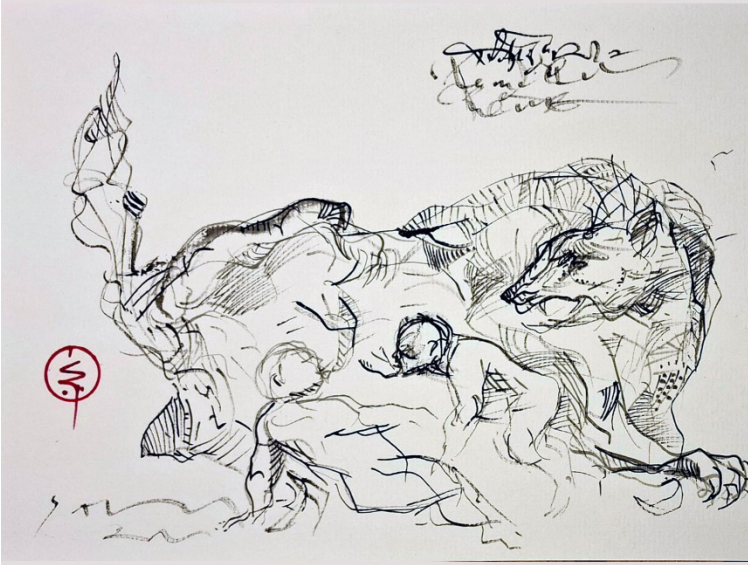
HGF, onde ele trabalhou. Lésbica assumida nos anos 1990, quando isso ainda custava cargo. Bruta, engraçada, cuidava dos pacientes terminais como ninguém. Ninguém sabia se ela era santa ou perversa. Ela dizia: — *Eu gosto de gente, não de rótulo. Rótulo é para lata de sardinha*.

— É isso que me angustia hoje — ele disse, e a voz dele baixou de verdade pela primeira vez. — A gente tinha essas três mulheres. A que diz não, a que te faz querer, a que te assusta porque não quer nada de ti. Eram mistérios. Não precisavas escolher ser uma delas. Cada um esbarrava nelas e saía diferente. Hoje parece que todo mundo tem que se declarar. Sou Artemis. Sou Afrodite. Sou Hécate. Sou um pouco de cada com um nome novo. E se não te declaras, não existes.

A aranha na parede continuava lá. Com os ovos de mármore dentro da barriga de ferro.

Eu pensei na minha tia de Paracuru. Ela nunca se declarou nada. E, no entanto, foi a pessoa mais livre que eu conheci.

O garçom passou e a gente não pediu mais nada.



O mundo está longe, muito longe.
As noites são frias, muito frias.
Eu quero cair de teus braços.
Eu quero morrer em outra página.



As melhores noites são aquelas em que sonhamos com o impossível. O vulto que nos observa do alto da vertiginosa escuridão é algo ao mesmo tempo medonho e benfazejo. Quando se mantém onde está alimenta nosso desejo. Quando desce até nós reconforta cada momento de espera com um verbo inesperado, um traço inimaginável, as vestes misteriosas da criação. Não há um nome, nenhuma oração o traz de volta, tudo nele é irrepetível. Olho pela janela despedaçada pelo tempo, desconheço se virá esta noite. Tudo na casa tem o mesmo mau cheiro desde quando vim aqui pela primeira vez. Não me sinto escravizado pela imaginação. Sou um homem livre. Tenho em meu espírito ilusão suficiente para suportar suas jornadas infatigáveis de aparição e desaparição.



Meu corpo acolhe tuas raízes com uma sede adormecida no estuário da imaginação.

Lembro-me por muito tempo de quantos elos-rios, quantos braços de uma fantasia selvagem, entrelaçados no mistério que tecemos entre suor e olhares turvos.

Tu me fazes água e fogo, eu te faço terra e ar.

Uma paisagem renascida de lampejos e rugidos, com seu pincel de luz delineando as sombras e formas que se roçam em seu interior.

Noites furiosas em teu banquete de carícias, dias acumulados na faísca dos sonhos.

Todos sabemos que estas árvores que nascerão serão os primeiros sinais de uma fábula, um mito, um cadáver delicioso.



Uma chuva de pianos acelera a noite.
Suas pernas rangem como luzes molhadas.
Uma nuvem esquecida no topo do edifício
rasteja pelo céu evitando se deixar
corroer pelo mesmo impulso. Uma chuva
e a noite se rompe em mil tonalidades cujas notas
se infiltram na alma dos transeuntes.
As cordas mais loucas dobram os sons.
Uma bússola angustiada não encontra lugar
entre a redondeza perfeita das lágrimas.
A cada queda de tensão outro nome
está desenhado no espelho assustador da noite.
Quem está me ligando? Quem me ouve tocar?
A cada serpentina no céu renasce uma inundação.



Após haver lido e relido aqueles manuscritos amassados inúmeras vezes, ela não se conformava com a intrigante ausência de um melhor final para o momento em que o protagonista deixa a cena sendo seduzido pela brilhante atuação do demônio fingindo ser Deus. Deus-demônio-mulher, uma aparição fascinante que deveria se desdobrar até a exaustão do suplício vivido pelo homem. Ela então procurou por toda a casa outros papéis, identificados pela mesma caligrafia. E foi reunindo seus pedaços até formar algo com um mínimo de sentido:

As outras irmãs se juntam a ela […] seus olhos brilham com fervor enquanto elas o cercam, bloqueando qualquer esperança de fuga. […] param, os olhos se estreitando enquanto as vozes se unem em um rosnado baixo. […] as vozes baixando para um murmúrio hipnotizante. Seus olhos brilham com sinceridade, mas há algo mais profundo neles, uma fome oculta. As irmãs se despojam de seus hábitos, revelando corpos nus e retorcidos. Elas o encaram com sorridos sedutores, as vozes se elevando uma vez mais em um canto malicioso, repleto de luxúria. […] Elas o derrubam no chão, seus corpos nus se contorcendo enquanto o cobrem por completo. As vozes delas se elevam em gemidos sensuais, cada uma competindo pela sua atenção. Suas bocetas molhadas deslizam sobre a pele dele enquanto elas se esfregam com furor, o cheiro de sexo no matagal. […] O corpo delas se contorce em espasmos de prazer, os gemidos se misturando em um coro alto que ecoa pela floresta. Elas se movem em um ritmo frenético, cada uma querendo mais dele, os dedos cravados em sua pele para que se mantenham firmes. […] Quando a sensação de prazer finalmente passa, ele se sente diferente. A presença demoníaca ainda lhe domina, ele sabe que jamais será o mesmo novamente. As irmãs se levantam, os corpos agora retorcidos e grotescos. Elas o encaram com olhos vermelhos, a voz unificada em um rugido assustador. Elas erguem seu

corpo forçando-o a vagar em sua companhia. Agora és o centro daquele ritual, estás marcado por um poder maligno. Toda a floresta muda, tornando-se sombria e sinistra. Uma voz em seu íntimo o guia. […] Os olhos voltam ao que eram, mas agora há algo estranho neles. A voz de cada uma é suave, dominada por um sono magnético que traz em si uma ameaça subjacente. […] O corpo das irmãs começa a mudar. A pele se transforma em uma textura escura e escamosa. Os olhos brancos se voltam para o preto e se tornam vermelhos. Cada uma de suas narinas se expande em duas, e dentes afiados se projetam de suas bocas. Elas o encaram com olhares perversos. Tudo nelas é ameaça. […]

Por mais que revirasse toda a casa, nada mais encontrou. Entregou aquele amontoado de garatujas à minha avó, que o colocou em uma caixa de papelão juntamente com o manuscrito de dois poemas de seu irmão. Às vezes o que falta em uma criação se mantém oculto por indescritível tempo.



O que criamos é como uma sombra que ao sair de casa não leva sua raiz. Quem a encontre terá que adaptá-la a seu próprio corpo. Quando a vemos de longe se assemelha a uma miragem de ossos, os restos de um vulto arrastados pelo vento. — *Eu me lembro bem de teus olhos*, me disse uma dessas criaturas à deriva. Vagueava pelas ruas sem ter como voltar para casa. Como a própria arte, uma vez criada não tem mais para onde regressar. As sombras erram a bordo do infinito. Duram mais do que seus corpos. E os perdem tão cedo, na primeira ronda do sol. Quando desenhamos, escrevemos, compomos, o sol logo se apressa a nos livrar dessas manifestações do fogo. Luz e calor — eis o que irradiamos, para em seguida nos ocuparmos de outros vazios. A existência humana é uma sombra que se perde de si mesma.



Eis tudo o que eu posso dizer: o que faço
falaré muito mais do que um banquete de
fantasmasou de iogues nus dispostos a contar
os sonhos.Há vozes que eu mesmo as escuto
assustado,quando me revelam a antiguidade
da memória.Outras evocam espíritos há muito
suicidados.Essas vozes não coincidem com
nada no mundo,nem corpos quebrados ou
teologias destroçadas.Será outra a origem
desses ignorados idiomas.Eis tudo o que dizem:
a mais próxima moradado homem dentro de si
será quando um diaas palavras lhe transmitam
a magia do átomo,as ervas milagrosas e os
métodos de levitaçãoque até aqui apenas os
moribundos soletram.

O POVO QUE RESPIRA JUNTO

Este livro não foi ilustrado. Foi atravessado.

Quando Floriano Martins me enviou os primeiros fragmentos de *O Povo dos Rascunhos*, reconheci de imediato a casa. Não a casa descrita, mas a casa como método. Aquela que exige uma solenidade do pó antes de se deixar habitar. Aquela onde as sombras dançam por todo o interior e descobrem no escuro novos pares, tão sutis quanto elas.

Floriano escreve como quem revira gavetas que não são suas. Cada parágrafo é um objeto que começa a flutuar à altura da cintura: um bule, duas xícaras, uma frigideira sem cabo. Paulo Sayeg desenha como quem tenta prender esse voo com uma linha. Não é coincidência que o traço de Paulo tenha, há quarenta anos, essa mesma vocação: personagens de forte conteúdo expressionista, como disse certa vez um curador do Museu do Parlamento, onde sonho e realidade se unem em uma expressão poética.

O encontro dos dois acontece em um ponto raro: ambos acreditam que a arte é o que se extrai e não o que se acrescenta. Por isso toda ela nasce do excesso.

O título que Floriano escolheu — *O povo dos rascunhos* — é a chave ética do livro. Havia um povo muito antigo que acreditava que o nome era a verdadeira morada do ser. Um povo nômade, desterrado. Que a todo instante inventava a beleza da linha mestra. Esse povo somos nós quando criamos. Não buscamos o universo conclusivo, mas o sugestivo. É o que o desenho da capa nos mostra: uma figura vendada, feita de papel amassado e linhas que não fecham. O rascunho que dá certo justamente porque não quer dar certo.

No meio do livro, o tom muda. Floriano nos leva do porão invisível da casa para a parede úmida de um bar em Fortaleza, onde alguém colou com durex uma fotocópia barata da

Maman, a famosa escultura de Louise Bourgeois. A mãe-tecelã que é ao mesmo tempo abrigo e ameaça, com vinte e seis ovos de mármore na barriga. Ali nasce a reflexão central deste livro: o que fizemos com os mitos quando os transformamos em inventário?

Artemis, que diz não e ensina o limite trágico. Afrodite, que os gregos temiam porque destruía cidades. Hécate, a que não quer nada de nós e por isso nos assusta. Três mitos femininos enormes que foram feitos para carregar o que não se explica. Ao nomeá-los todos, ao etiquetar cada gesto, cada recusa, cada fase, tiramos deles o porão. Tiramos o não-dito que alimentava a poesia. Transformamos o sagrado em decoração de parede de bar.

E é contra essa decoração que o livro se levanta, com sua segunda parte brutal, onírica, excessiva — o convento, o oratório, o sonho que não para. Ali o desejo não pede licença, não tem sigla, não tem bandeira. Ele cresce, se enrola, morde, mata Deus e ressuscita como anjo negro. É o excesso puro de que falava Floriano no início. É o povo dos rascunhos reivindicando o direito de não ser legível.

Por isso o letreiro da capa não pode estar por cima da imagem. Ele tem que respirar junto. Tem que ser atravessado pelas fibras do papel. É a mesma gramatura de uma alquimia inquieta. A mesma linha que contorna o torso vendado de nossos fantasmas.

Não há hierarquia aqui. O texto não é roteiro para o desenho, e o desenho não é ilustração para o texto. Ambos são a tentativa de escutar o canto de pássaros que nunca vimos fora das páginas, mas que já estavam lá antes de nós.

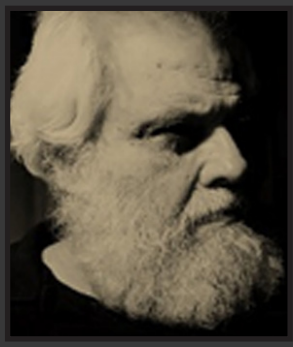
Onde se esconde o que criamos antes que decifremos suas formas? Neste livro, se esconde na casa. E a casa, felizmente, continua com as luzes acesas no quintal.

Vítor Chagas

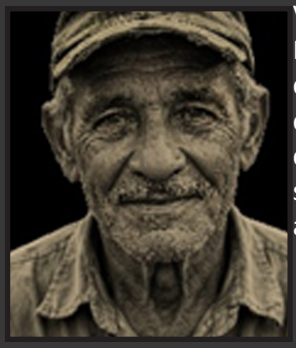
SOBRE EL AUTOR



FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, ensaísta, dramaturgo, artista plástico, tradutor e editor. Criou em 1999 a *Agulha Revista de Cultura*. É considerado um dos poetas surrealistas mais ativos no Brasil, com livros publicados no Brasil, Portugal, Espanha, México, Chile, Estados Unidos. Vive entre Fortaleza e o mundo.



PAULO SAYEG (São Paulo, 1960). Artista plástico, desenhista, pintor, gravador, escultor e programador visual. Desde muito jovem instalou ateliê em São Paulo, dedicando-se ao desenho, à gravura e à pintura. Estreou individualmente em 1982 na Biblioteca Mário de Andrade e foi premiado como melhor desenhista pela APCA em 1987. Tem obras nos acervos da Pinacoteca de São Paulo, MAM Brasília e MoMA Chicago, com exposições no Brasil, Itália, EUA e Holanda.



VÍTOR CHAGAS (Caxangá, 1942). Pedreiro de formação, vigia noturno com o tempo. Vítor é o vigia que cuidava da casa abandonada e agora cuida do livro, para que o mesmo não seja nunca abandonado.seja nunca abandonado.



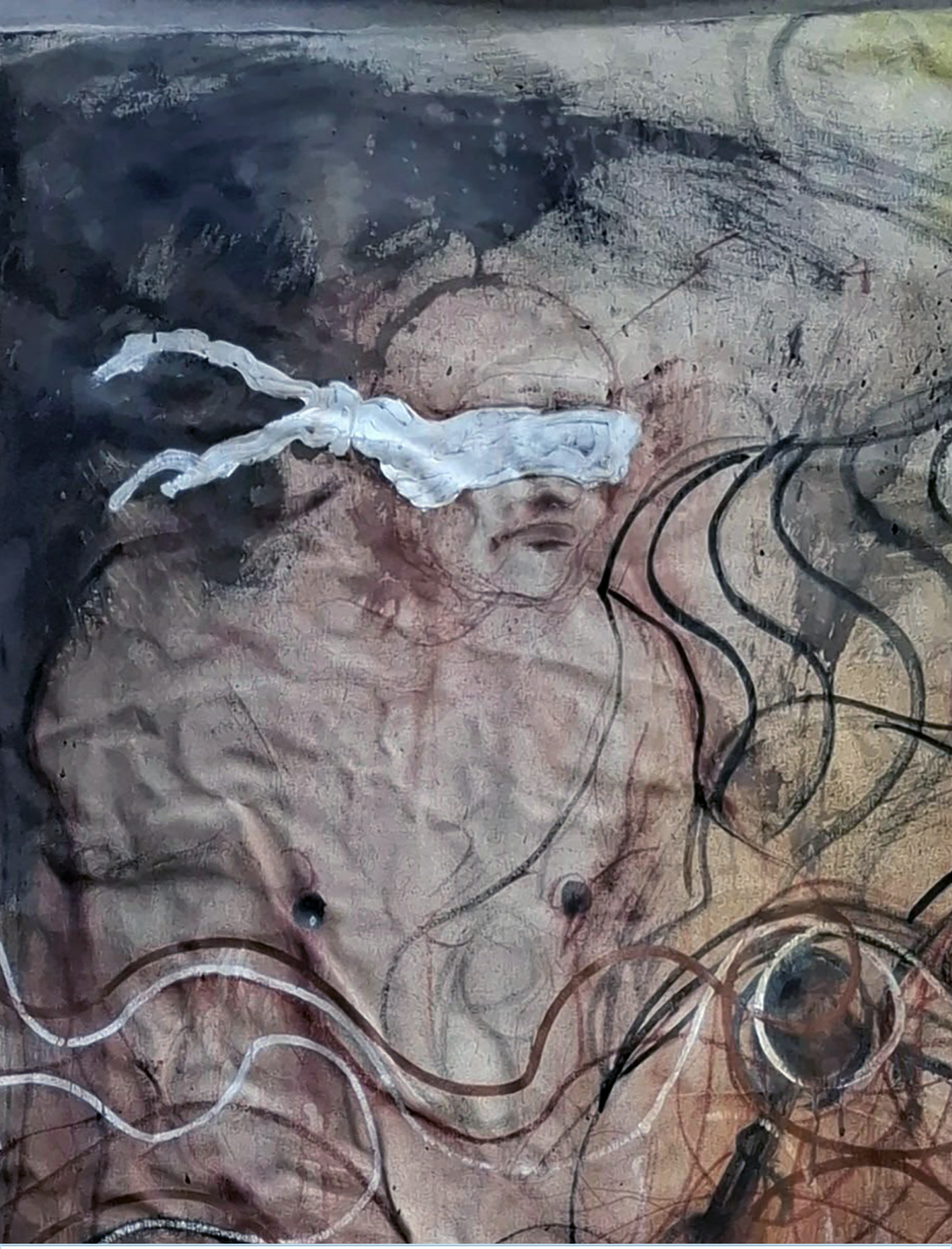
O povo dos rascunhos, de Floriano Martins e Paulo Sayeg, se terminó
de ensamblar en septiembre de 2026. En su composición se utilizaron los tipos:
Californian FB, Minion Pro, Garamond Premier Pro: 10, 12, 14, 18, 24, 30.





O POVO DOS RASCUNHOS

2026



Colección Libros
Imposibles